

AS DUAS PRIMEIRAS CANTIGAS DO PERÍODO TROVADORESCO

Horácio Rolim de Freitas
(UERJ, ABRAFIL LLP)

O problema cronológico

Em 1904, a erudita filóloga, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, fez uma edição crítica e comentada do Cancioneiro da Ajuda, o mais antigo dos cancioneiros medievais. Ali se encontra a cantiga número 38, de Paio Soares de Taveirós, irmão de Pedro Velho, conhecida como cantiga da Ribeirinha ou cantiga de garvaia, que foi considerada por Dona Carolina como o primeiro documento em verso da língua portuguesa. Após argumentações histórico-culturais, datou-o de 1189 (ou 1198). Trata-se de uma cantiga de amor e, sem refrão, considerada de mestria, à maneira provençal. Situa-se no reinado de Sancho I, o Velho, dedicada a Dona Maria Paes Ribeira, favorita declarada do rei de Portugal. Um dos argumentos de D. Carolina é que o primeiro filho deles, também trovador, D. Gil Sanches, já em 1213 era de maioridade, daí admitir que as relações íntimas do monarca com a filha de Dom Pay Moniz seriam bastante anteriores a 1200. Considera outro argumento da maior relevância: as ricas e privilegiadas terras doadas à Ribeirinha por Sancho I. O importante documento consta do foral manuelino de Vila do Conde, em pergaminho escrito por Fernão de Pina, onde se lê:

Mostra-se pelo dito foral que as rendas do dito lugar [Vila do Conde] foram dadas por El-Rei, dom Sancho, o primeiro deste nome e segundo rei destes reinos à Dona Maria Paes Ribeira e a seus filhos que dela houvera, de juro e de herdade, para todo sempre.

E mais adiante:

Assim serão as Vilas e lugares de Guimarães e a cidade d'Évora e Valença a que foi dado privilégio de não pagarem a dita portagem, ante da era de mil duzentos e vinte e sete anos ⁵⁶.

Subtraindo-se da era a diferença para o calendário cristão (38), tem-se: 1227-38 = 1189.

Conclui, assim, D. Carolina Michaëlis que nesse ano, ou antes, D. Maria Paes Ribeira, proprietária de Vila do Conde, Pousada, Paradela etc., pertencia aos “paços” do rei, permitindo-se, então, “favorecer os da sua linhagem e galardoar um Pay Soares e Pero Velho de Taveirós”.

⁵⁶ Cancioneiro da Ajuda, vol. II, p. 592-593

Contudo, a datação não tem sido aceita pacificamente. O Professor Costa Pimpão,⁵⁷ por exemplo, não aceita a data de 1189, considerando-a muito antiga, sob a alegação de que a data do documento em que se baseia a ilustre filóloga “foral manuelino de Vila do Conde”(onde se declaram os direitos de terras a ela concedidos), datado da era de 1227, apresenta erro do copista, pois a data correta seria era de 1247, correspondendo, assim, ao ano de 1209.

Também a Dra. Elza Pacheco⁵⁸ rejeita a datação feita por D. Carolina Michaëlis. Baseando-se no estudo do Prof. Costa Pimpão, considera-a muito antiga, e admite ser uma cantiga de escárnio, não cantiga de amor. Põe em dúvida um parentesco entre a Ribeirinha e Paio Soares de Taveirós. Quanto ao aspecto lingüístico, também discorda de D. Carolina na interpretação de certas palavras e expressões, como: *retraia, vus, filha, por vos, branca e vermelha, en saia*. Deste modo, Elza Pacheco atribui a primazia de mais antiga poesia portuguesa à cantiga de João Soares Paiva, conhecida pelo primeiro verso: “*Ora faz ost’o senhor de Navarra*” cuja datação também se deve a D. Carolina Michaëlis, pertencendo ao ano de 1213.

Outros estudiosos já se pronunciaram quanto a este problema filológico, relativo à datação e à interpretação, como Rodrigues Lapa⁵⁹, sem que se tenha um resultado definitivo. O grande filólogo Leo Spitzer⁶⁰, no artigo *Zur Cantiga de Garvaia*, concorda com D. Carolina Michaëlis, considerando exata a data de 1189, bem como ser a Ribeirinha filha de dom Paay Moniz.

Ponderáveis também são os argumentos de Lanciani e Tavani⁶¹, ao admitirem que, sendo D. Maria Paes Ribeira amante de D. Sancho I, rei que morreu em 1211, a cantiga dirigida à Ribeirinha não poderia ter sido escrita posteriormente, sabendo-se que o poeta servia à corte, e que era tradição trovadoresca o enaltecimento. Assim, Lanciani e Tavani incluem as composições poéticas de Paio Soares de Taveirós entre as últimas décadas do século XII e as primeiras do século XIII. Outro argumento é pertencer ao Cancioneiro da Ajuda, o mais antigo dos cancioneiros medievais.

Não nos move nenhum intuito de estendermo-nos ou de determo-nos no aspecto cronológico. Até que novos estudos tragam luz a tão difíceis problemas filológicos, ficamos com as sábias lições de D. Carolina Michaëlis. Importa-nos, realmente, o estudo dos dois textos sobre os quais teceremos comentários lingüístico-filológicos.

Paio Soares de Taveirós⁶²

Sabe-se que este trovador pertenceu a uma nobre família de origem galega. Contudo, o levantamento de dados para compor sua biografia foi difícil. A erudita filóloga, através de estudos histórico-culturais, conseguiu reunir dados que confirmam a linhagem de Paio Soares de Taveirós.

57 1959 *História da Literatura Portuguesa*, 2ª. ed., Coimbra, Atlântida.

58 (Fernando V. Peixoto da Fonseca, 1959: 94.)

59 1965 *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*.

60 1950 *Revista Portuguesa de Filologia*.

61 (Lanciani e Tavani 1993).

62 Paio < Paayo do rad. gr. pelagos pelo lat. Pelagius > Pelaio > Peayo > Paayo > Paio.

Fato importante nos descreve a epígrafe da tenção n.º 394, do Cancioneiro da Ajuda, onde se lê que os autores são Pero Velho de Taveirós e seu irmão Paio Soares. A família de Velhos, sobrenome que se deve à longevidade, provém de Taveirós, região na província de Pontevedra, na Galiza.

Outros fatos históricos descobertos por D. Carolina Michaëlis contribuem para a confirmação biográfica de Paio Soares. Este e o irmão, Pero Velho, relacionaram-se com o notável trovador Martim Soares, oriundo de Ponte de Lima, local perto do julgado de Neiva, onde residiam os Velhos. Um conhecido incidente ocorrido com Pero Velho, na região de Trastamara (Tras-Tâmara < lat. Trans-Tamera), atacado que foi por um vigia do pomar de D. Rodrigo Gomes, por tê-lo invadido para conversar com duas jovens “muy fremosas”, aconteceu, diz D. Carolina, entre 1215 e 1228.

Mais importante ainda são as duas cantigas do poeta: a de n.º 37, em que fala de sua linhagem e demonstra devoção por uma parenta de elevada posição, e a 38ª, em que se dirige familiarmente à Ribeirinha. Nesta é esclarecedora a antonomásia “filha de Dom Paay Moniz”. Só houve um Dom Paay Moniz cuja esposa, D. Urraca Nunes, teve dois filhos: Martim Paes Ribeira e D. Maria Paes Ribeira, jovem encantadora. D. Carolina acredita que o poeta já a admirava quando Sancho I, enamorado, introduziu-a na corte. É provável que Paio Soares prestasse serviços na corte e, pela tradição trovadoresca, fez uma cantiga elogiando a dama do rei, o qual viria a falecer no ano de 1211. Portanto, é de crer-se que o poeta tenha escrito a cantiga, não posterior à morte do soberano, mas em época anterior. Assim o poeta se refere a ela:

*E vos, filha de dom Paay
Moniz, e ben vos semelha
d'aver eu por vos guarvaya.*

Segundo dados históricos genealógicos citados por D. Carolina (C.A.- vol. II, p. 311-313), o poeta e a Ribeirinha tinham parentesco, pois houve consórcios entre membros da família dos Velhos e a família dos Ribeiras. A “guarvaya” representa um prêmio simbólico que o trovador esperava receber, conforme costumes antigos e palacianos.

D. Maria Paes Ribeira foi reconhecida como mãe dos filhos de Sancho I. Dois morreram ainda meninos, e ficaram vivos: D. Gil Sanches, D. Rodrigo, D. Teresa e D. Constança Sanches. D. Maria Paes veio a casar-se, ainda, com D. João Fernandes de Lima. Morreu em 1250 e foi enterrada no mosteiro de Bouro, caminho de Braga.

Outro adendo à biografia de Paio Soares, citado por Lanciani e Tavani⁶³, consiste em documentos datados das primeiras décadas do século XIII, que registram o nome de um cavaleiro de Taveirós: Pelagius Payz que, segundo consta, era filho do trovador.

63 *Dicionário Medieval das Literaturas Portuguesa e Galega*

A Cantiga da Ribeirinha

(Paio Soares de Taveirós, Cancioneiro da Ajuda, n.º 38, edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos)

No mundo non me sei parelha
 mentre me for' como me vay,
 ca já moiro por vos — e ay
 mia senhor branca e vermelha,
 queredes que vos retraya
 quando vus eu vi en saya!
 Mao dia me levantei,
 Que vus enton non vi fea!

E, mia senhor, des aquel di'ay!
 me foi a mi muyn mal
 e vos, filha de don Paay
 Moniz, e ben vus semelha
 d'aver eu por vos guarvaya,
 pois eu, mia senhor, d'alfaya
 nunca de vos ouve nen ei
 valia d' ùa correa.

Interpretação

Não tenho para mim conhecimento de (coisa) igual no mundo enquanto (isto) se passar para mim como se tem passado pois já morro (de amor) por vós — e ai minha senhora, branca e vermelha, quereis que vos descreva quando eu vos vi em saia? Levantei-me num dia ruim, Pois nessa ocasião eu vos vi bela.

E desde aquele dia, ai, minha senhora, foi-me para mim muito mal, e vós, filha de dom Paio Moniz, não vos parece bem obter (merecer) eu de vós a garvaia? Pois eu, minha senhora, de adorno nunca de vós recebi, nem tenho nada por mais simples que seja.

Comentários

A estrofação

Quanto à forma estrófica, trata-se de uma cantiga de mestria que se caracteriza, inicialmente, pela ausência de estribilho ou refrão. É, assim, mais formal, distinguindo-se das cantigas mais populares. Geralmente, são versos heptassílabos. Nelas se observa o desejo de maior complexidade tanto formal quanto temática, através, por exemplo, de uma sintaxe mais cuidada e vocabulário mais rico. Destaque-se, também, a influência provençal cujos trovadores apresentam muito mais cantigas de mestria entre as cantigas de amor. Geralmente, têm sete versos, enquanto nas cantigas de refrão é mais comum apresentarem quatro versos. Assim, as cantigas de mestria, como o nome indica, são feitas com arte.

O texto

saber < *sapere* : ter conhecimento de

parelha < *paricla* < *paricula*: coisa igual, semelhante

mentre < *dementre* < *domentre* < (loc. lat. *dum* + *interim*) = enquanto

for - futuro do subjuntivo (ser e ir). A 1ª. pessoa proveio do perfeito do subjuntivo latino⁶⁴: *fuer(im)* por *fuero* (fut. perfeito) = andar, estar, ir.

me (por mi): reduz-se a *me* em posição proclítica ou enclítica. No texto, funciona como complemento indireto de referência.

ca < *quã* < *quia* = porque, pois.

moiro < *morio* (Em latim era um verbo depoente: *morior*). Do futuro *morrei* (< *morrerei*) tirou-se o infinitivo *morrer*⁶⁵ e daí, *morro*, -es, etc. Houve *morëre* (por *mori*) e as formas documentadas do futuro: *morrerei* e *morrei*. Na Demanda já ocorreu: “mereci morrer”; “morrei com pesar”.

moiro significa “ morro de amor ”.

mia (monossílabo) < *mea* > *mia* e *mha* > *ma* (forma átona, como ocorreu também com: *ta* e *sa*). A forma tônica: *mia* > *mã* > *minha*: nasalização do /i/ e desenvolvimento do fonema de transição /ñ/.

senhor – as palavras terminadas em -or eram uniformes em gênero (cf. *mia pastor*).

branca e vermelha⁶⁶ – possivelmente referência à cor da pele (branca, alva) e das faces(vermelhas, rosadas) da Ribeirinha, conforme interpretação de Carolina Michaëlis e Joseph Piel. Para D. Elza Pacheco, a expressão alude ao colorido da vestimenta, antecedendo a citação da garvaia. O Prof. Rodrigues Lapa segue a mesma interpretação, ressaltando a imaginação do poeta diante da beleza e da graça corporal da dama.

64 (J. Piel – *Estudos de Lingüística Histórica Galego-Portuguesa*: 235).

65 (Nunes, J. J - 1956: 326, nota 2).

66 (Cunha, Celso 1984).

queredes - > *querees* > *quereis*

retraya = retrate (< lat. * *retrahēre* > *retraer* > *retrair*): descrever, retratar.

saya - < lat. * *sagia*: saia (o poeta viu-a “em saia”, isto é, só parte do vestuário, sem o manto de uso obrigatório).

mao – mau (< lat. *malū*): dissílabo que, por oclusão do /o/, passará a mau.

então - < *intūnc* > *entom* > *entam* > *então*.

fea = feia (*foeda*) * *feda* > *fea* > *feia*. Houve epêntese do /i/ para formar ditongo.

non vus vi fea : vos vi bela (modo de afirmar pela negação do contrário), figura denominada litotes < gr. λιτότης “simplicidade”, pelo lat. *litotes*.

des (de+ex) : desde

aquel : forma abreviada de **aquele** (< lat. *eccu* + *ille*). O **a** inicial se explica pelo cruzamento de *eccu* com *atque*. Já em latim a partícula *ecce* reforçava pronomes: “**eccillum video**” (Plauto)⁶⁷.

me – equivale a *mi* que, em posição proclítica ou enclítica, passa a *me*: complemento indireto de interesse.

(a) *mi* – forma tônica. Pleonasma do complemento indireto.

muyn – muito. Forma apocopada do advérbio muito (< *multu*). Já se observa a nasalidade vocálica por influência da consoante inicial, como ocorrerá também em: *mĩ* – mim; *mĩa* > minha.

mal - < *male*

vos = vós. Trata-se de um anacoluto.

don – forma abreviada de *dono*, pela posição proclítica (< *dominu* > *dom'nu* > *donno* > *dono*). Aparece antes de nomes próprios daqueles que têm título nobiliárquico.

Paay – forma reduzida de Pelagio.

vus – forma átona proclítica do complemento indireto **vos**.

semelha – parece (< *similiare* > *semelyar* > *semelhar*) : parecer, ter aspecto bom.

aver - = haver (< *habere*). O verbo haver tinha largo emprego no português antigo. No texto, aparece três vezes. Em “*d’aver eu por vos guarvaya*” e “*nunca de vos ouve*” está com a acepção de receber, conseguir, obter, alcançar, adquirir. Em “*nen ei*”, significa ter, possuir (cf. “*hei grande medo*”).

guarvaya – Segundo D. Carolina Michaëlis, significa: “vestuário de corte, e de luxo, provavelmente de cor escarlata”.

67 (Nunes, J. J. 1956:245).

Constitui um hápax (< gr. ‘άπαξ = uma vez) na lírica medieval portuguesa, isto é, palavra ou expressão que só aparece uma vez em documentos literários.

alfaya - de alfaia, enfeite, adorno, ornato. (**alfaia** provém do árabe).

ũa < *una* > *ũa* > *uma*.

correa < *corrĩa*.

valia d’ũa correa: expressão de valor depreciativo, isto é, “valor insignificante”; “não vale dez centavos”; “não vale um níquel”; “de valor mínimo”.

João Soares de Paiva

Consta ter nascido após a batalha de Ourique (1139), portanto em 1140. Filho de D. Soeiro Paes e de D. Urraca Mendes de Bragança. Pertencente à alta nobreza, possuía extensas terras nas margens do Ebro e nos limites de Navarra. Trovador galego-português, embora tenha escrito outras poesias, conforme notícias nos Nobiliários, apenas esta composição foi conservada: um sirventês político contra o rei de Navarra, D. Sancho Sanches de Navarra, conhecida pelo primeiro verso: “Ora faz ost’o senhor de Navarra”. O motivo se deve ao fato de que suas terras foram invadidas pelas tropas de D. Sanches, que as devastaram. Achando-se injustiçado, porque não lhe concederam as indenizações a que teria direito, vingou-se através desta cantiga. Segundo D. Carolina Michaëlis é a primeira no gênero e data-a de 1213. “Sua importância é notável para a história da lírica galego-portuguesa, pela antigüidade e pelo contato que teve o autor com os trovadores provençais”⁶⁸.

Admite-se que o poeta freqüentou a corte de Afonso II (1154-1196), que foi trovador e protetor dos trovadores, ou a corte de Pedro II, assimilando, assim, as características provençais. Além desse texto, atribuem-se-lhe seis cantigas de amor, perdidas, mas referidas pelo Marquês de Santillana que lembrava tê-las lido no cancionero de sua avó, D. Mencia de Cisneros.

Os especialistas datam o texto de João de Paiva entre 1195 e 1216. O próprio texto oferece um dos indícios ao aludir à praça de Inzura (Endurra), possessão de Afonso VIII de Castela, entre 1198 e 1201. O verso “Proenç’est el – Rei d’Aragon” comprova que o rei aragonês deve ter estado em Provença entre 1200 e 1201. Logo, o texto se situa no início do século XIII.

É considerada pela Dra. Elza Pacheco a mais antiga poesia portuguesa, cuja linguagem é mais arcaica que a da Cantiga da Ribeirinha.

Na edição do Cancioneiro da Ajuda (1904), D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos faz sua leitura da cantiga de maldizer de Johan Soares de Pávia.

Apesar de transcrição posterior da referida cantiga, na edição do Cancioneiro da Biblioteca Nacional por Elza Pacheco, optamos, para nossos comentários, pelo texto de Carolina Michaëlis, publicado no Cancioneiro da Ajuda.

68 (In Fernando V. Peixoto da Fonseca 1959: 101).

Cantigas de maldizer

As cantigas de escárnio e de maldizer constituem uma sátira. Apresentam vocabulário, por vezes, obscuro. Um apreciável estudo sobre essa poesia satírica foi feito por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos sob o título: *Notas à margem do antigo Cancioneiro Português*.

Em Portugal, (séc. XIII-XIV) e em Castela (séc. XIII), o desenvolvimento desse gênero de poesia não teve a extensão que ocorreu em Provença, visto que a autoridade monárquica impedia as críticas e oposições à corte, de tal modo que a sátira política galego-portuguesa não teve a liberdade de expressão necessária à descrição real dos temas sociais. Já na poesia provençal os trovadores podiam emitir opiniões e sentimentos sobre o momento social. Aí recebeu o nome de sirventês. Este gênero podia representar certas atitudes do trovador em face da vida, distribuindo-se o sirventês em pessoal, moral ou religioso e político.

O texto poético de João Soares de Paiva, de que trataremos a seguir, é um exemplo do sirventês político, através do qual se louvam as lutas dos senhores feudais contra os reis.

Cantiga de Joan Soares de Pávia

(*Cancioneiro da Ajuda*, vol. II: 566, edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos)

Texto

I

Ora faz ost' o senhor de Navarra
 pois en Proenç' est el rey d' Aragon.
 Non lh' a(n) medo de pico nen de marra
 Tarraçona, pero vezinhos son;
 nen an medo de lhis pøer bozon
 e riir-s' an muit' én[en] Dura e Darra.
 Mais se Deus trag' o senhor de Monçon,
 ben mi cuid' eu que a cunca lhis varra.

II

Se lh' o bon rey varrê' la escudela
 que de Pamplona oïstes nomẽar
 mal ficará aquest' outr' en Tudela
 que al non á [a] que olhos alçar,
 ca verrá i o bon rey sojornar
 e destruir-á o burgo d' Estela
 e verredes Navarros [l] azerar
 e o senhor que os todus caudela

III

Quand'el rey sal de Tudela, estrêa
 el essa ost'e tod'o seu poder:
 ben soffren i de trabalh'e de pãa,
 ca van a furt'e torna[n] s'en correr.
 Guarda-s'el rey — come de bon saber —
 que o non filhe luz en terra alhêa;
 e onde sal, i s'ar torna jazer
 ao jantar, ou se non aa cêa!

Interpretação

I

[Atualmente o senhor de Navarra prepara o exército pois o rei de Aragão está em Provença, não lhe temem a lança nem o marrão (da região de) Tarraçona, ainda que estejam próximos; e não têm medo de que lhes ponham aríete, hão de rir-se muito em Dura e Darra, porém, se Deus traz o senhor de Monçon, bem penso eu (=tenho para mim) que (ele) lhes destruirá a terra-baixa].

II

[Se o bom rei (Afonso VIII, rei de Castela) lhes varrer o vale que ouvistes se chamar Pamplona, ficará mal este outro em Tudela, pois não tem outra coisa a que alçar os olhos (=observar), porque verá, aí, o bom rei (D. Afonso VIII) acampar e (ele) destruirá o forte de Estela; vereis sofrer os Navarros e o senhor que os comanda a todos].

III

[Quando o rei sai de Tudela, ele inicia o sucesso dessa tropa e de todo o seu poder, suportam, aí, sacrifício e castigo, pois saem furtivamente e voltam correndo. Evita o rei — por sua esperteza — que não amanheça em terra alheia; e, (no lugar) de onde saiu, de novo volta a dormir, ao jantar, ou apenas à ceia!]

Comentários

A estrofação

Sabe-se que, no século XIII, o princípio rítmico era considerar o verso agudo padrão da medida, quando havia mistura de versos graves e agudos.

Na cantiga de João Soares Paiva as estrofes compõem-se de oitavas em versos decassílabos e eneassílabos. Acreditam os especialistas que o trovador se tenha inspirado no esquema métrico da famosa canção da cruzada de Canon de Béthume:

“Ah! Amors, com dure departie”

Nas três estrofes, há rimas graves (femininas ou paroxítonas) nos versos: 1, 3, 6 e 8, e agudas (masculinas ou oxítonas) nos versos : 2, 4, 5 e 7.

Quanto às ligações destaque-se que as conjunções **ca**, **se** e **que**, em geral, não se elidiam com a vogal seguinte, como se pode constatar no último verso (decassílabo) da 1ª estrofe:

“bem mi cuid’eu que a cunca lhis varra”

Na 2ª estrofe, observa-se, no 2º verso, a síncope da vogal pretônica, reduzindo a palavra Pamp(o)lona a Pamplona.

No 4.º verso, a palavra **que**, nos dois exemplos, não se elide com a vogal inicial da palavra seguinte:

“que al nom á que olhos alçar.”

Também a conjunção coordenativa **e**, em geral, não se elide, como ocorre no último verso, além de outro exemplo de pronome relativo:

“e o senhor que os todus caudela” (decassílabo)

Na 3ª estrofe, nos versos 6 e 7, também não se elidem o pronome relativo **que** e a conjunção coordenativa, respectivamente, com a vogal seguinte:

“que o nom filhe luz em terra alhêa,”

“E onde sal, i s’ar torn’a jazer.”

No último verso, há exemplo da conservação de duas sílabas, resultado de síncope consonântica:

“ao jantar, ou se non aa cêa”

(verso eneassílabo à semelhança do 4º verso da 2ª estrofe).

Concluindo, comprove-se o tipo de rima na distribuição ababbaba nas três estrofes, conhecido como **cobras singulares**.

Comentários

1.ª Estrofe

oste < lat. *hoste*. No texto, significa: exército, tropa.

hoste⁶⁹ - Inicialmente, pertenceu ao gênero masculino. No latim corrente, passou ao gênero feminino “sob a influência de sua terminação em –is” (*hostis*), segundo lição de Ernout-Meillet. Do significado inicial: *estrangeiro* passou ao de *inimigo*; daí, adquiriu o sentido de “*inimigo público*” por oposição à palavra *inimicus*: o inimigo particular, e, posteriormente, expressou um sentido coletivo de : *exército inimigo, batalha* e, enfim, *exército* em geral.

Proença < prov. Provensa < lat. Província (isto é, província romana).

pico < lat. **piccu*: lança. Há o verbo *picar* < lat. **piccare* (ferir com objeto pontiagudo).

marra < lat. *marra*: marreta, espécie de martelo de ferro, marrão.

Tarraçona (D. Carolina registra também **Tarrazona**): região do Nordeste da península.

Senhor de Navarra: Sancho Sanches de Navarra, conhecido como *o Encerrado*, por ter passado vinte anos (1212-1234) recolhido na praça-forte de Tudela.

rei de Aragão – trata-se de Pedro II de Aragão que esteve em Provença.

pero- (conjunção): embora, ainda que. Pode ser usada com verbo no subjuntivo: “non logra (a ave) cousa que coyma *pero* aja fome” ou no indicativo:

“*pero* s’ela de min ren non pegava /
soffrendo coita, sempre a servi”.
“... que vos sei querer melhor ca mi;
pero são certão...”.

an < **hant* (por *habent*) > *an* > *ão* (*hã*)

lhis – forma plural do pronome pessoal , além de *lis* e *lhes*. O singular aparece com as formas *li, lhi* *lhe*.

bozon – aríete. Segundo Corominas, provém do oc. antigo *bosson* “flecha grossa”, com cabeça na ponta, forma esta tirada do frâncico **bultjo* (Cf. francês: *boujon*; italiano *bolzone*) A forma *bultio* já se encontra em glosas latinas do séc. VIII. Houve também a forma *buzón* com o mesmo sentido de aríete.

Dura, Endura ou **Inzura** – praça-forte na fronteira navarro-castelhana.

Darra – topônimo não identificado.⁷⁰

Senhor de Monçon: título de todos os soberanos aragoneses. No texto, refere-se a Pedro II de Aragão.

69 (1951 Ernout-Meillet)

70 (Carlos Alvar & Vicente Beltrán 1984:90).

trag(e) – 3ª. pessoa do singular do presente do indicativo do v. *trager*.

trazer e trager : provieram, segundo A. Magne⁷¹, da 1ª. pessoa do presente do indicativo **traco* e **trago*, tiradas do perfeito *traxi* (v. *trahere*), formas analógicas com verbos cujo perfeito terminava em *-xi*, como *rexi* (*regēre*), *dixi* (*dicēre*). Formaram-se, assim, os infinitivos: *tragere* (port. *trager*) e *tracere* (port. *trazer*). Há variantes como: *trajo* (1ª. pessoa pres. do ind.); *trais* (2ª. pessoa sing) por *trages*; *trai*, *traze*, *traz* e *trax* (3ª. pessoa do sing.) por *trage*. *Treides* (2ª. pessoa do pl.). A par das formas de participio: *tragido* e *trazido*, encontram-se as variantes: *traito*, *treito* e *trauto*.

cunca < lat. *concha* (do gr. *κόγχη*) : terras baixas

mi < *mihi*. Já no latim ocorria a forma contracta *mi*. A vogal /i/ assimilou a nasalidade da consoante: *mim*.

2ª. Estrofe

o bon rey – o rei de Castela, Afonso VIII, a quem se aliou o rei de Aragão contra Sancho de Navarra.

varrer – destruir, arrasar.

lhi – forma singular, representando o plural.

escudela – vale; outra designação de *cunca*: terra-baixa de Pamplona, localidade da província de Navarra.

oistes – ouvistes. Perfeito do verbo *oir*. A par de *oí*, *oíste*, *oiu*, *oímos*, *oistes*, *oïrom* houve as formas *oui*, *ouïste* etc. de *ouir*. A forma *oir* provém do latim dialetal **odire*. *Ouir* provém de *audire*. Houve também um participio *ouvisto* por influência de *visto*.

nomêar – < lat. *nomīnare*: denominar, chamar.

aquest(e) < *acc + este* > *aqueste*: este

Tudela – cidade de Espanha (Navarra), à beira do Ebro, em cuja praça-forte esteve recluso Sancho Sanches.

al < *ale* < *ali* < *aliud*: pronome indefinido: outra coisa.

ca – pois, porque (conjunção causal)

verrá – 3ª. pessoa do singular do futuro do v. *vir* (=virá): *verrei*, *verrás*, *verrá* etc.; e *vërrei*, *vërras*, *vërra*.

i < lat. *hic*. Advérbio aí.

sojornar: permanecer, acampar (formado do substantivo *sojorno*; it. *soggiorno*)

destruir-a – destruirá.

burgo < lat. *burgu* < germ. **burgs*: cidade pequena, castelo, fortaleza, forte.

Estela – (topônimo): outra localidade do Nordeste da Espanha (segundo D. Carolina Michaëlis, CA).

verredes – (por *veredes*) do v. *ver*: vereis.

71 (A. Magne 1944).

lazerar < lat. *lacerare*: sofrer, afligir, dilacerar, penar.

os – complemento direto.

todus – (por todos). No texto, equivale a **a todos**: complemento direto pleonástico.

3ª. Estrofe

sal < *sale* < lat. *salit* : sai.

estrêu: do v. *estrear* (formado de *estrea* < lat. *strena*: prognóstico, presságio, presente): *anunciar, estrear, iniciar sucesso* (Morais).

soffren: do v. *saffrer* < lat. **sufferere* (por *sufferre*): suportar.

travalho – variante de trabalho < lat. *tripaliare* (*tres* + *palu*: três + pau) instrumento de suplício dos condenados; sig. sacrifício, tortura, sofrimento.

pên < lat. *pena*: pena, castigo.

a furto (locução do séc. XIII): às escondidas, furtivamente.

guarda-se: do v. *guardar-se*: evitar, acautelar-se.

come de bon saber segundo D. Carolina Michaëlis, o trovador refere-se, ironicamente, à *esperteza* (*bon saber*) do Encerrado, o Prudente, logo se trata de Sancho Sanchea de Navarra.

come < lat. *quomo et*. Houve, também, a forma arcaica *coma* < lat. *quomo ac*.

o non filhe luz: a luz não o surpreenda, isto é, não amanheça; **o** é complemento direto.

filhe : do v. *filhar*: pilhar, (amontoar, roubar) que, por influência de *furtar*, passou a *filhar*: tomar, pilhar, surpreender.

alhêa < adj. *aliena* (lat. *allenu, a*): alheia, estrangeira.

ar (var. **er**) partícula reforçativa: de novo, também, ao mesmo tempo. Acompanha o verbo ou o advérbio para reforçar o sentido.

jazer - lat. *lacere*: jazer, descansar, dormir.

se non (*senão*) partícula de exclusão: apenas, somente.

cêa < lat. *cena*: ceia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAR, Carlos – Beltrán, Vicente. *Antología de la poesía gallego-portuguesa*, España, Editorial Alhambra, S.A., 1985.

COROMINAS, J. *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana*, Madrid, Editorial Gredos, S.A., 1954

CUNHA, Celso. *Língua e Verso*, 3ª. ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1984.

- FONSECA, Fernando V. Peixoto da. *Noções de História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1959. *Cantigas de Escárnio e Maldizer, dos Trovadores Galego-Portugueses*, 2ª. ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1971.
- LANCIANI, Giulia – TAVANI, Giuseppe. *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho S.A., 1993.
- LAPA, M. Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa (Época Medieval)* 3ª. ed., Coimbra, Coimbra Editora Limitada, 1952.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Editorial Confluência, 1952.
- MAGNE, Augusto. *A Demanda do Santo Graal*, Imprensa Nacional, Rio, Vol. III – Glossário, 1944.
- MEILLET-Ernout. *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 3ª. Ed., Paris, Librairie C. Klincksieck, 1951.
- NUNES, J.J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, 5ª. ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1956.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Cancioneiro da Ajuda*, Halle, Max Niemeyer, (vol. I e II), 1904.
- VASCONCELLOS, José Leite de. *Textos Arcaicos*, 5ª. ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1970.